



Pelo fim definitivo do AO e pelo resgate da Língua Portuguesa

Vêm os subscritores desta Moção apresentar e mostrar a necessidade de terminar rápida e irrevogavelmente com o Acordo Ortográfico em vigor.

Este Acordo, que tantos estragos veio causar à nossa Língua Materna, representa um ataque à Língua Portuguesa, símbolo nacional - uma das Línguas mais ricas e melhor estruturadas universalmente, cujo aparelho fonológico será o segundo mais complexo, a seguir ao árabe, que é o mais complexo das línguas, actualmente, faladas -, contribuindo para a desestruturação da sociedade portuguesa, pois da comunicação se trata, enquanto organismo vivo, uno e indivisível.

O A. O, de entre os vários acordos feitos entre o Brasil e Portugal, quase nunca respeitados, por Portugal ora, pelo Brasil, tornou-se num acordo mais, pernicioso para o bem falar a Língua Portuguesa e contribuiu para o incremento do insucesso do Português de Portugal, como pode ser demonstrado pelos resultados horrorosamente visíveis, desde a Escola à comunicação social, passando pelos mais variados agentes cuja obrigação primordial comunicacional deverá ser o bem falar a sua Língua Materna.

Vamos passar a explicar e a enquadrar, devidamente, esta temática tão presente, mas tão pouco abordada, pois, não temos dúvidas, também silenciada por determinadas elites de interesses.

A nossa Moção suporta-se em dois planos:

1. Plano cultural - Os malefícios para o Português falado e escrito hoje, em Portugal, pátria-mãe da língua que espalhamos pelo mundo. Hoje os nossos jovens advogam causas que não conseguem justificar nem defender porque em vez de estarem assentes no Conhecimento, suportam-se em chavões cujos significados nem os próprios conhecem e são repetidos à exaustão pois são-lhes gravados na memória como se de qualquer programação neuro-Linguística se tratasse. E trata, de facto.

Nós não podemos almejar ter, ser ou pertencer a uma sociedade desenvolvida se os nossos concidadãos não conseguirem elaborar um raciocínio comum, seja ele simples ou complexo, como não serem capazes de fluida e capazmente comunicar entre si.

As crianças e os jovens não estarão disponíveis para os processos de aprendizagem se estes não os ensinarem a raciocinar e não lhes permitirem perceber que a Língua se transmite através da Linguagem e que esta contém regras claras que se querem imutáveis, para que a integridade da própria Língua e da sociedade se mantenham e perdurem no tempo.

2. Plano político - O Português como língua-arma de manipulação da população pela esquerda, em Portugal. Este Acordo, fruto de decisões políticas para beneficiar o "lobby" da indústria livreira, provocou uma alteração comportamental e societal sem precedentes, permitindo que a Linguagem saísse do seu plano intocável para passar a ser uma cacofonia onde as palavras não significam nem representam o que deveriam significar. Ao alterar-se a grafia das palavras, permitimos a introdução de novos

conceitos diferentes, passando as palavras a serem usadas fora do contexto e do seu significante original.

Deixamos alguns exemplos para melhor compreensão:

- A introdução das palavras "migrant" e "gender" traduzidas literalmente da Língua Inglesa sem ter em conta não só o contexto linguístico, como cultural ou mental da sociedade leva a que os falantes de Português comecem a aceitar verdadeiras aberrações linguísticas. A palavra inglesa "migrants" é usada genericamente para definir não apenas o fluxo migratório, mas todos os indivíduos que emigram ou imigram ao contrário do que se passa na Língua Portuguesa onde os três conceitos, migrante, emigrante e imigrante têm significados e significantes atribuídos que distinguem as três situações. A transferência desta palavra directamente para a Língua Portuguesa faz com que os Portugueses passem a aceitar a entrada em Portugal de migrantes quando este termo se refere ao trânsito de pessoas entre países.

O mesmo se passa com a palavra "gender". A Língua inglesa não comporta as expressões "male sex" ou "female sex". Nela a palavra utilizada é "gender" originado "female gender" ou "male gender". A introdução abusiva e errada desta palavra na Língua Portuguesa faz com que se aceite no discurso corrente que existem "géneros" e que cada um pode ter o seu. Nada poderia estar mais errado. E a cultura woke, essa nova arma de grupos atávicos esquerdistas, agradece.

Para além destas, existem outras palavras de elevadíssimo cariz marxista como sejam a "mais-valia". Neste caso, tornou-se comum aplicar uma expressão financeira que deveria ser apenas utilizada no contexto da finança para passar a ser genericamente utilizada mesmo em relação a pessoas quando a palavra correcta deveria ser "vantagem" ou o seu antónimo "desvantagem".

Nós não podemos querer combater a Esquerda usando o seu exército, as suas armas, a sua táctica, a sua estratégia, o seu terreno de batalha e acharmos que poderemos ganhar até porque ao fazê-lo estamos implicitamente a aceitar e a validar o ataque que eles estão a fazer à Linguagem e ao símbolo pátrio que é a Língua.

Temos que perder o medo, afastar-nos do politicamente correcto e retirar à Esquerda a primazia da Linguagem da qual se apropriou e que ela detém neste momento.

O combate que travamos é desenvolvido em várias frentes, mas esta, no entender dos subscritores desta Moção, é a base de tudo, pois, sem Língua, a nossa Linguagem torna-se deficitária e nós não conseguimos comunicar devidamente ou ferozmente, dificilmente nos conseguiremos compreender.

Se nós continuarmos a usar a Língua e a Linguagem de forma incorrecta, as pessoas continuarão a viver em confusão, com conceitos trocados e elaborando pensamentos e raciocínios de forma errada o que, em última instância, não só favorece a Esquerda como lhe permite controlar as mentes dos menos preparados.

Paraphraseando António Gramsci " nós venceremos a próxima guerra sem disparar um único tiro pois teremos o controlo das mentes". É precisamente a isso que estamos a assistir, pessoas que não se conseguem ouvir, que não conseguem expressar um pensamento ou



elaborar um raciocínio porque em vez de usarem todas a mesma Linguagem, cada uma usa as palavras de forma solta e elas não representam o mesmo para todas as pessoas como acontece em qualquer sociedade independentemente do seu grau de desenvolvimento, cultura ou riqueza.

Em conclusão as razões para o A. O. acontecer, foram:

1. Pelo interesse do Brasil no comércio internacional, pois a ideia de um só Português dar-lhes-ia maior credibilidade e substância;
2. A Academia que tinha de mostrar algum trabalho para provar a necessidade da sua existência e tinha que justificar os investimentos já feitos;
3. O interesse das editoras brasileiras, são vários os relatos da existência de autores com originais prontos, mal acontecesse a sua aprovação;
4. O absurdo de toda esta situação é que o A. O. acabou por estar implementado só em Portugal, Timor-Leste e Cabo Verde. Angola e Moçambique não o subscreveram, exactamente pela miscelânea linguística com que se confrontam e pelos gastos que implicaria a sua Introdução no Ensino. São vários os relatos de que o Brasil o retirou pouco depois de o ter implementado pois a adesão por parte da população foi nula.

Podemos então concluir que hoje temos um Povo que usa uma Língua sem regras e a seu bel-prazer, dando à Esquerda a arma que lhe faltava para desferir o ataque final à sociedade portuguesa, e tudo por mais uns favores a “lobbies” poderosos sem qualquer pudor ou respeito pelos portugueses e por mais de novecentos anos de História.

Em Portugal, o A. O. veio destruir a frágil aprendizagem da língua materna, sendo, hoje, comum, o erro verbal e ortográfico. Se não usarmos correctamente a nossa Língua, se a deixarmos ser vítima de caprichos e se permitirmos que interesses económicos se sobreponham a um valor pátrio, nunca estaremos em posição de nos unir enquanto Povo e lutar por causas, valores e princípios comuns.

Por todas estas razões e pela importância e urgência do tema, vêm os subscritores pedir o voto, a aprovação e a inclusão desta Moção no Programa de Governo a apresentar pelo Partido CHEGA às próximas eleições legislativas de Março de 2024.

Luísa Maria Teixeira Vaz
Militante n.º 7557